

COLUNA DO CASTELLO

De bandeiras
e comícios

AS bandeiras vermelhas dos partidos clandestinos foram oficialmente banidas dos comícios da Oposição por ordem do Sr Tancredo Neves. O candidato chegou a admitir que, por exorcizadas, elas devam ou possam ser apreendidas, sem que isso venha a ser interpretado como um ato de violência. A excessiva cautela do ex-Governador de Minas Gerais é compreensível — tanto mais depois das notas que expressaram a preocupação do Exército e da Aeronáutica com o risco de desestabilização do processo de sucessão do Presidente Figueiredo.

Paga o candidato o preço de não conhecer por dentro o regime instaurado em 1964. Seu companheiro de chapa, o Senador José Sarney, é especialista no regime ao qual pertenceu e do qual se apartou recentemente. O Sr Tancredo Neves deveria ouvi-lo mais a respeito de bandeiras vermelhas e questões afins. Afinal, elas pontuaram e coloriram os comícios pelas **diretas**, já e nem por isso o Governo invocou razões de segurança nacional para sustá-los. Tampouco passou por uma única cabeça razoável que às bandeiras deveria ser creditado o sucesso da campanha.

São outras as bandeiras capazes de reunir o povo e de levá-lo a exigir mudanças. Elas não cabem em um espaço limitado de pano, não têm preferência de cor e não exigem adornos como aqueles observados em um pavilhão com a sigla do PCB, claramente encomendado para estreitar no comício de Goiânia. O combate à corrupção e à inflação, a quebra da hierarquia dentro das Forças Armadas, a situação de anarquia política e social — estas, sem dúvida, foram bandeiras que reuniram militares e civis e que ajudaram a derrubar o governo do Sr João Goulart.

As bandeiras de 1964, à exceção, sem dúvida, da que cobrava o restabelecimento da hierarquia militar, estão sendo desfraldadas novamente porque acabaram esquecidas ao longo dos últimos 20 anos. Elas explicam o ajuntamento em torno do Sr Tancredo Neves de representantes de ideologias tão díspares como o banqueiro Olavo Setúbal, o Deputado Miguel Arraes, o Governador Roberto Magalhães, o Vice-Presidente Aureliano Chaves e o Sr Giocondo Dias. Este último entrou na relação mais interessado no espaço democrático que o Sr Tancredo pode ampliar.

Servem as bandeiras vermelhas de pretexto para uma ofensiva do Governo contra a realização de comícios. Eles não incomodaram tanto na campanha pelas **diretas**, já porque o PDS oferecia a segurança de que a emenda Dante de Oliveira não seria aprovada no Congresso. Se passasse pela Câmara, pelo Senado não passaria. Esbarrou nos deputados.

Foi arquivada de imediato. O PDS, hoje, não garante mais nada — muito menos a eleição do candidato que escolheu para a sucessão do Presidente Figueiredo. Os comícios, então, assustam.

Como determinados remédios, eles produzem um efeito prolongado, observa o Senador Marco Antônio Maciel. O de Goiânia rendeu espaço nos jornais e mobilização popular durante semanas antes de ser realizado. Rende espaço e provoca discussão até agora. As 300 mil pessoas que se encontraram em frente ao Palácio das Esmeraldas abençoaram a união dos dissidentes do PDS com os partidos de oposição e legitimaram a ida do Sr Tancredo Neves ao Colégio Eleitoral que ele tanto execrou.

De resto, o Presidente Figueiredo observou com sabedoria o formidável poder de pressão que os comícios estão destinados a exercer sobre deputados e senadores que se reunirão a 15 de janeiro próximo para apontar o seu sucessor. Fosse outro o candidato do PDS, o Sr Aureliano Chaves, por exemplo, e os comícios serviriam de arma para um lado e para o outro. Com o Deputado Paulo Maluf no páreo, os comícios servem a um só senhor. As vaías que soaram em Porto Velho comprovaram o perigo da utilização equivocada de um recurso legítimo de campanha.

Com bandeiras vermelhas ou sem elas — certamente sem elas —, os comícios da oposição continuarão a ser feitos. Nem tanto amiúde como desejariam os menos cautelosos, nem tão raramente como se apressaram a aconselhar os mais assustados. O ex-Governador Antônio Carlos Magalhães viajou aos Estados Unidos e talvez não compareça ao comício de Belém. Se por lá aparecer, está avisado de que não deve citar mais o Sr Maluf. O locutor Osmar Santos, que preso por compromissos em São Paulo quase não foi apresentar o comício de Goiânia, poderá ficar retido no seu Estado por falta de teto. Ou de tato na sua última aparição.

Do comício seguinte, marcado para Manaus, o Sr Tancredo Neves retornará a Belém ainda a tempo de acompanhar, durante três horas, a gigantesca procissão do Círio de Nazaré. O decorrer do processo sucessório talvez sugira aos responsáveis pela campanha do candidato a não realização dos comícios previstos para o Rio de Janeiro e São Paulo, confidencia um dos seus assessores. O Sr Tancredo Neves, de toda forma, parece sereno e seguro de que o Presidente Figueiredo honrará seu compromisso com a consolidação do projeto democrático.

A bandeira da abertura política deverá prevalecer, afinal.

Unidade

Do Ministro Alfredo Karam: "O revanchismo é um fantasma sem vez enquanto as Forças Armadas permanecerem unidas".

RICARDO NOBLAT

Editor Regional do JORNAL DO BRASIL em Brasília

(Interino)